

# Gás natural vai ajudar crescimento do Rio

■ Construção de gasoduto para as regiões de Campos e Cantagalo dará à economia fluminense uma injeção de competitividade

Fotos de Cristiana Miranda

No Brasil, o estado que mais produz gás natural é o Rio de Janeiro. Até aqui, porém, o gás extraído na Bacia de Campos pouco tem beneficiado os fluminenses. Parte do combustível é transportada pela Petrobrás em gasoduto diretamente para São Paulo. E, agora, esta “histórica injustiça” — como define o secretário de Minas e Energia do Estado do Rio, José Maurício — será acentuada ainda mais com a construção, no início do ano que vem, de um gasoduto entre a Refinaria Duque de Caxias (Reduc) e Minas Gerais.

“Não pretendemos prejudicar o Estado do Rio. Estamos estudando o potencial fluminense para uso do gás natural”, garantiu o presidente da Petrobrás, Joel Rennó, no debate *Gás: O Rio é a prioridade*, promovido pelo **JORNAL DO BRASIL**. Apesar da simpatia de Rennó pela causa fluminense, o secretário José Maurício não escondeu a impaciência: “A economia fluminense não pode esperar mais”, disse. Para ampliar o uso do gás natural no Estado, a secretaria elaborou um projeto complementar ao da Petrobrás, que inclui a construção de um gasoduto para atender ao parque industrial de Campos e Cantagalo, e uma rede de distribuição para atingir diversos pólos de produção do interior.

Rennó garantiu que a Petrobrás vai construir o gasoduto para o Norte Fluminense assim que terminarem as pesquisas na região sobre a viabilidade técnica e econômica da obra, considerada fundamental pela maior parte das empresas e prefeituras do Estado. Segundo José Maurício, além de Rennó, o ministro das Minas e Energia, Paulino Cícero, também é favorável ao projeto.

Tanto apoio tem um motivo: de acordo com os empresários, o gás natural pode solucionar a deficiência crônica de energia na indústria do Rio de Janeiro. Os técnicos da CEG e da Petrobrás que estão realizando a pesquisa acreditam que o gasoduto também possa resolver dois problemas graves: a falta de gás canalizado na maior parte dos municípios fluminenses, e o alto índice de poluição do transporte coletivo.

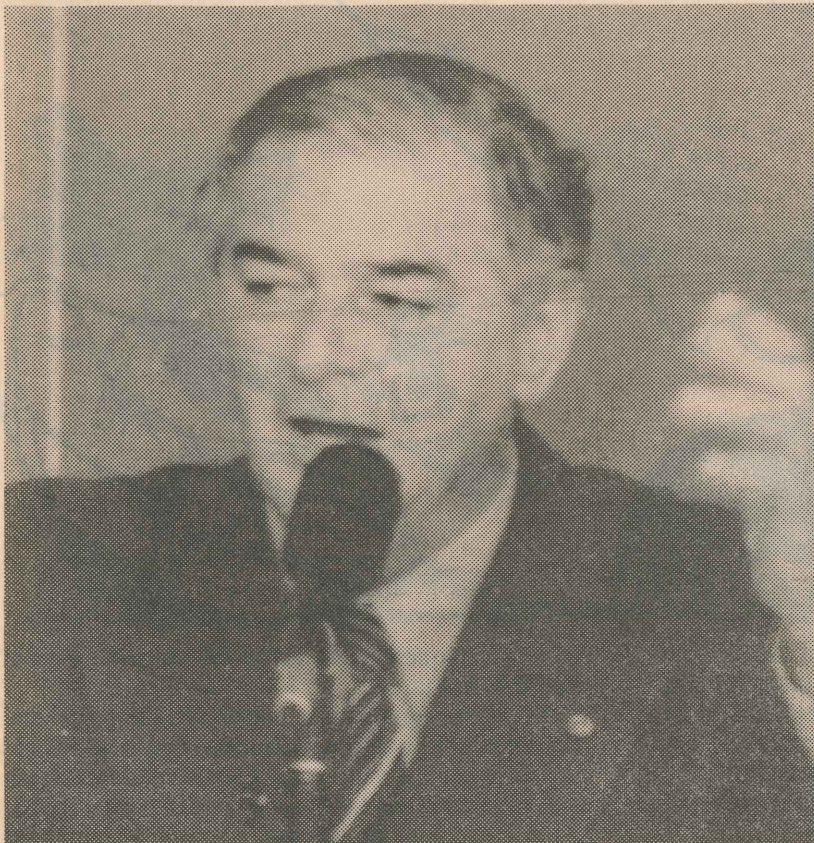
Participaram do encontro a Secretaria de Minas e Energia, a Petrobrás, a Firjan, a CEG, o Sindicato dos Taxisistas do Rio de Janeiro, a Associação Comercial do Rio de Janeiro, a Fetranpor, a Associação Comercial e Industrial de Campos e a Cimento Mauá, uma das empresas do pólo de Cantagalo.

Reportagens de Cláudia Medeiros e Marcelo Gonçalves.



O Rio é a prioridade: o governo estadual, a Petrobrás e os empresários fluminenses discutem o uso do gás natural na economia do Estado





*José Maurício: estudos comprovam potencial da demanda fluminense*

## O RIO BRIGA PELO SEU GÁS

■ *“O transporte de gás natural para os Estados de São Paulo e Minas Gerais não vai prejudicar o consumo do parque industrial fluminense.”*

**Joel Rennó**  
Presidente da Petrobrás

■ *“Ao ver o entrosamento entre a Petrobrás e a CEG, o pólo cimenteiro de Cantagalo fica muito animado. O Rio de Janeiro tem que ser priorizado.”*

**Meton Gadelha**  
Diretor financeiro e jurídico da Cimento Mauá

■ *“Por que temos que continuar usando*

*óleo, mesmo sendo o Rio o maior produtor de gás natural, enquanto que outros estados aproveitam este nosso combustível?”*

**José Maurício**  
Secretário estadual de Minas e Energia

■ *“A conversão da frota de ônibus não deve ser imposta, mas sim estimulada pelo governo. Há uma cultura de uso do óleo que deve ser substituída.”*

**Luiz Carlos Urquiza**  
Secretário-executivo da Fetranspor

■ *“A utilização do*



■ *“O Rio de Janeiro é o segundo pólo industrial do Brasil. Não podemos deixar que nosso estado seja conhecido apenas por seus números de violência.”*

**Arthur João Donato**  
Presidente da Firjan

*gás natural é um bom negócio para o motorista de táxi, porque sai mais barato do que manter um carro a álcool ou a gasolina.”*

**Wilson Cunha**  
Presidente do Sindicato dos Taxistas do Rio de Janeiro

■ *“É preciso fazer alguma coisa pelo Norte Fluminense. E investir na produção de gás natural é um dos melhores caminhos para o desenvolvimento.”*

**Roberto Silveira**  
Presidente do Conselho Especial de Energia da Associação Comercial do Rio de Janeiro

■ *“A CEG é uma empresa superavitária e moderna, que tem condições de investir maciçamente no Rio de Janeiro em parceria com a Petrobrás.”*

**Bruno Armbrust**  
Presidente da CEG

■ *“A deficiência de energia em Campos faz com que as 100 indústrias de cerâmica da região utilizem como combustível a lenha produzida no Pará.”*

**Adailton Alves Rangel**  
Presidente da Associação Comercial e Industrial de Campos



# Secretaria já preparou projeto para gasoduto

Angustiado. Foi assim que o secretário estadual de Minas e Energia, José Maurício, definiu seu estado de espírito por causa da demora do Governo Federal em aprovar o projeto de construção do gasoduto para o Norte fluminense. "Não posso ficar indiferente às reivindicações da região em que nasci", confessou, referindo-se ao município de Campos.

Embora o presidente da Petrobrás, Joel Rennó, afirme que o Rio de Janeiro será privilegiado na distribuição do combustível, José Maurício aponta uma contradição no comportamento da Petrobrás. "Por que temos que continuar fazendo estudos de viabilidade, mesmo sendo o maior produtor de gás natural e petróleo, enquanto que São Paulo e Minas Gerais aproveitaram o combustível?"

José Maurício garante que os estudos já comprovaram o potencial do estado e que, por isso, a economia fluminense não pode ser mais sacrificada. Ele lembra o compromisso firmado com o ministro Paulino Cícero, que no dia 27 de abril passado recebeu um

documento com a proposta de construção do gasoduto para Campos e Cantagalo, e assegurou que a obra seria realizada ao mesmo tempo que a ligação para Minas Gerais. "Não podemos esperar mais", afirma.

Para o secretário, falta apenas vontade política para o projeto sair do papel. "Não há o que se discutir, já que a distribuição é uma atribuição exclusiva da CEG, garantida pela Constituição", lembra. José Maurício recorda também que a empresa estadual está pronta para realizar a tarefa, pois passou por uma reforma administrativa, melhorou o atendimento ao consumidor e adquiriu tecnologia.

As reivindicações de José Maurício não se limitam ao projeto de ampliação da rede de distribuição no Estado. Ele também exige uma política nacional para o gás natural, para evitar a oscilação constante de preços, como acontece atualmente com a energia elétrica. "O gás natural deve receber o mesmo tipo de subsídio que o gás liquefeito de petróleo", defende.

## Viabilidade está garantida

Para demonstrar a viabilidade econômica do gasoduto para Campos e Cantagalo, José Maurício recorre a um cálculo baseado em dados fornecidos pela própria Petrobrás. De acordo com a estatal, o gasoduto que abasteceria as cidades de Juiz de Fora, Belo Horizonte e Betim conduziria 900 mil m<sup>3</sup>/dia, e sua construção está orçada em US\$ 126 milhões.

Caso decidisse ligar Cabiúnas a Campos e Cantagalo, a Petrobrás investiria US\$ 38 milhões, e, de

acordo com o secretário, atenderia a uma demanda proporcionalmente bem maior. O potencial de Campos passa de 300 mil m<sup>3</sup>/dia, incluindo-se a usina termoelétrica de Furnas; e o de Cantagalo e Cordeiro, levando-se em conta também a termoelétrica da área, chega a 807 mil m<sup>3</sup>/dia. Esses dados estão no documento entregue pelo secretário ao ministro Paulino Cícero, que os passou para Joel Rennó. "O Rio não pode continuar a ver navios", reclama o secretário.

# CEG trabalha para ampliar uso do gás natural no RJ

Com cerca de US\$ 16 milhões já seria possível impulsionar a indústria da região de Campos com o uso do gás natural. Quem afirma é o presidente da Companhia Estadual de Gás (CEG), Bruno Armbrust. Este valor é o custo da rede de canalização do combustível, que seria o início dos benefícios para médias e pequenas indústrias do Norte e Noroeste do estado, como as de cerâmica e panificação. Esta medida também atrairia novos investimentos e outras indústrias para a região. "Como o gás é produzido ali mesmo, não haveria custo de distribuição", diz Armbrust.

O combustível utilizado pela CEG seria o excedente da Unidade de Processamento de Gás Natural (UPGN), da Petrobrás, que serve à indústria Álcalis, na Região dos Lagos. A UPGN tem capacidade para produzir 600 mil m<sup>3</sup> de gás natural por dia, mas a Álcalis consome apenas cerca de 300 mil m<sup>3</sup>. Com a cooperação entre as duas empresas seria possível utilizar a capacidade ociosa da UPGN e servir às indústrias da região de Campos desde já.

Para atingir maior número de indústrias, é fundamental a construção do gasoduto que interligaria os municípios de Campos e Cantagalo a Cabiúnas, na Bacia de Campos, local de onde a Petrobrás extrai o gás natural. O projeto está orçado em US\$ 38 milhões, quase quatro vezes menos do que projeto do gasoduto que liga a Refinaria Duque de Caxias a Betim, em Minas



Bruno Armbrust: custo de distribuição será bastante reduzido

Geraias, já aprovado pelo Governo Federal. "Tivemos diversas reuniões com o ministro das Minas e Energia, Paulino Cícero. A expectativa era de que os dois projetos seriam executados ao mesmo tempo, mas fomos surpreendidos com a liberação do projeto de Minas Gerais", comenta Armbrust.

A CEG distribui 1,3 milhão de m<sup>3</sup> de gás natural para todo o Estado do Rio, incluído o abastecimento de residências, indústrias e veículos. Já a Petro-

brás distribui 1,5 milhão de m<sup>3</sup> do combustível para 21 indústrias de grande porte, dominando a maior parte do mercado. Esta seria outra grande possibilidade de cooperação entre as duas empresas: com a transferência deste abastecimento para a CEG, a empresa estadual poderia controlar a distribuição do combustível no estado, como manda a Constituição. "A CEG aposta no gás natural para o desenvolvimento econômico do Rio", diz Armbrust.

# Firjan quer desperdício reduzido

Por que não diminuir o desperdício do gás natural ainda durante a fase de produção? É o que propõe Arthur João Donato, presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan). Para ele, a idéia é deslocar o eixo da discussão em torno do gasoduto e aumentar a aproveitamento do gás natural, dismistificando a competição entre os estados. "Novas situações impõem soluções diferentes", diz João Donato.

Há quinze anos a Firjan busca a utilização do gás de Campos. "Sinto-me um pouco como 'o homem do realejo', sempre tocando a mesma música e à espera de melhor sorte", compara. Já no primeiro mandato do governador Leonel Brizola a Federação encaminhou sugestões sobre a utilização do gás natural. Para Donato, a solução do problema energético do Rio está na colaboração intensa entre CEG e Petrobrás, a exemplo do que acontece em outros Estados, como Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo. "Parceria é a melhor palavra para definir a futura relação entre estas duas empresas, em benefício dos consumidores e do parque industrial do Rio de Janeiro. Sem ela não teremos solução a curto prazo."

Para João Donato, é preciso pressa em resolver a questão da utilização do gás natural. Ele admira a atuação política do secretário José Maurício e da CEG: "Precisamos evitar que o Rio de Janeiro seja conhecido apenas por seus números de violência. Não devemos esquecer que se trata do segundo pólo industrial do país", declara ele. O 'homem do realejo' parece mais confiante do que nunca.